



Empreiteiras são responsáveis por esquema de corrupção na Petrobras

O juiz federal Sergio Moro, responsável pela Operação Lava Jato, abriu ações penais contra as cúpulas das empreiteiras OAS, Galvão Engenharia, Engevix, Mendes Júnior, UTC Engenharia e Camargo Corrêa por integrar o esquema criminoso de cartelização, corrupção e propinas que se instalou na Petrobras. Dos 36 denunciados pelo Ministério Público Federal, 22 são ligados às empreiteiras.

Já estão presos, por conta das investigações da Lava Jato, o presidente da OAS (Leo Pinheiro), o vice-presidente e mais três dirigentes da empreiteira, entre outros envolvidos.

As investigações estão ainda no início e se inserem em um gigantesco esquema de corrupção. A Lava Jato foi iniciada em março está em sua sétima

fase. Os primeiros acusados são ligados a contratos firmados pela Diretoria de Abastecimento da empresa, controlada pelo PP, partido aliado ao governo Dilma, e pela área internacional, onde o lobista Fernando Soares era o operador do PMDB, também aliado do governo federal.

Privatização não é a solução

A Petrobras tornou-se vítima de um esquema criminoso, formado pelas empreiteiras, funcionários públicos da empresa e pelos operadores da lavagem de dinheiro, que tem o núcleo coordenado pelo doleiro Alberto Youssef. Os meios de comunicação aproveitam o momento para defender a privatização da Petrobras, fazendo coro com multinacionais interessadas em tomar para si um grande patrimônio da sociedade brasileira.



Fotos: Petrobras/ ABR



Metrô é alvo de corrupção há 20 anos

O escândalo que ficou conhecido como "trensão" ou "Propinoduto Tucano" envolveu cartéis de empresas com a reforma de trens do Metrô e da CPTM. Estima-se que foram desviados milhões dos cofres públicos.

Na primeira semana de dezembro, a Polícia Federal indiciou 33 envolvidos no esquema de corrupção. Além disso, bloqueou R\$ 614,3 milhões das contas de seis empresas acusadas de desvios nas fraudes de licitações para serviços ao Metrô e CPTM entre 1998 e 2008, nas gestões de Mário Covas, José Serra e do Geraldo Alckmin.

O governador Alckmin, que teve o orçamento de sua campanha à reeleição rejeitada pelo TRE, recebeu quatro milhões de reais em doações de empresas envolvidas no cartel. A empreiteira Queiroz Galvão associa doações provenientes de obras ao PSDB, conforme a própria prestação de contas da empresa, como apontou em relatório exposto à imprensa no último dia 14/12.

Empreiteiras cresceram durante a ditadura militar

A relação promíscua entre empreiteiras e obras públicas não é novidade no Brasil. Ela começou no governo Juscelino Kubitschek (1955-1960), cresceu muito durante a ditadura militar (1964-1985) e se mantém até os dias de hoje, como mostra a corrupção apurada pela Operação Lava Jato.

Até a década de 50, as empreiteiras tinham seus limites em seu Estado ou região. A partir do governo JK elas se infiltraram em Brasília. A construção

da cidade (fundada em 1961) foi um marco para elas, que começaram a se unir e se organizar politicamente.

Com o golpe militar de 1964, as empreiteiras passaram a ganhar contratos volumosos do governo. Entre as centenas de obras desenvolvidas na ditadura estão a ponte Rio-Niterói, feita por um consórcio que envolveu Camargo Corrêa e Mendes Júnior, a Hidrelétrica de Itaipu (Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez e Mendes Júnior)

e a Transamazônica (Mendes Júnior e Camargo Corrêa).

Passada a ditadura, e já com os cofres abastecidos, o financiamento privado de campanhas eleitorais passou a garantir a manutenção das empreiteiras na construção de grandes obras pelo país. Somente na campanha de 2014, elas doaram pelo menos R\$ 207 milhões a candidatos. Investiram esse valor para obter o triplo mais à frente.

